



RELATÓRIO FOTOGRÁFICO
COM DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES EM
MACAPÁ / AMAPÁ
de 20 a 22 de maio de 2014

Fotos e Edição: Vera Vieira

ATIVIDADES EM MACAPÁ / AMAPÁ

⇒ 23 de abril de 2014

Evento preparatório no Atalanta Hotel,
com lideranças de organizações não governamentais,
governamentais e universidades.

⇒ 20 de maio de 2014, das 19h às 22h

Painel Público "Mulheres e Homens pela Paz e contra o
Tráfico de Mulheres e a Violência Sexual",
no auditório do Centro Cultural Franco Amapaense,
com autoridades, lideranças, população em geral e mídias.

⇒ 21 e 22 de maio de 2014, das 9h às 17h30

Oficina *Redefinindo Paz - Tráfico de Mulheres e Violência Sexual:*
metodologia de educação popular feminista
para trabalhar com mulheres e homens
no Centro de Eventos do Atalanta Hotel,
com lideranças locais de órgãos governamentais,
não-governamentais e universidades.

realização



parceria



apoio



Parceria em Macapá/AP



patrocínio





O evento preparatório, reunindo a diretora-executiva da Associação Mulheres pela Paz, Vera Vieira e as lideranças locais de ONGs, órgãos públicos e universidades, é decisivo para o sucesso das atividades. Aconteceu em 23 de abril, no Centro Cultural Franco Amapaense, ocasião em que se deu o início do processo de construção coletiva, em termos logísticos, metodológicos e de conteúdo.



Foto: Kátia Domingos



Foto: Walkiria Ferraz

Na noite de 20 de maio, das 19h às 22h, foi realizado o Painel Público intitulado *Mulheres e Homens pela Paz e contra o Tráfico de Mulheres e a Violência Sexual*, no auditório do Centro Cultural Franco Amapaense.

Na abertura do painel, Vera Vieira, diretora-executiva da Associação Mulheres pela Paz (AMP), destacou que um dos principais objetivos do projeto é acumular discussão sobre a triste realidade dessa problemática, que acontece muito mais perto de cada pessoa do que se imagina.

“Com o conhecimento aprofundado sobre o tema e a articulação dos diversos setores, é possível lutar pela implantação e implementação de políticas públicas. Por isso a AMP vem percorrendo as diversas regiões brasileiras com atividades que levem ao fortalecimento da rede de serviços contra a violência à mulher, seja essa rede formal ou informal”, destacou.

Clara Charf, presidenta da AMP, se declarou feliz por estar novamente em Macapá. Relembrou que é militante “desde a época em que era impossível se pensar em juntar mulher e homem para discutir as questões de gênero, como estamos fazendo agora. Essa é uma das razões do fortalecimento do nosso trabalho, que vem contribuindo para o avanço da luta pelos direitos da mulher.”

Josi Ferreira, diretora do Centro Cultural Franco Amapaense (CCFA), relembrou as atividades realizadas há dois anos sobre violência doméstica, que vêm se somar às de agora, sobre tráfico de mulheres, ressaltando a relevância dos eventos. Depois de presentear as integrantes da AMP com colares artesanais feitos pelas alunas do CCFA no curso de empreendedorismo, Josi destacou “o impulso que o resultado das atividades pode proporcionar a brasileiras(os) que vivem na Guiana Francesa, por intermédio do trabalho desenvolvido pela CCFA no marco da cooperação Brasil-França.”

Antônia Vilani Alencar, delegada da Mulher de Macapá, ponderou sobre as dificuldades de avançar na luta contra o tráfico de pessoas em um estado como o Amapá que é rota, já que faz fronteira com a Guiana Francesa e o Suriname. Enfatizou que se trata “de um tema muito complexo, portanto, de difícil investigação. Espero que possamos absorver tudo o que for discutido nas atividades, para que possamos nos fortalecer cada vez mais para combater esse mal que atinge a toda a humanidade.”

Celisa Melo, responsável pela Coordenadoria Municipal de Políticas para as Mulheres, também representando o prefeito Clécio Luís, observou que “as mulheres traficadas são da cidade do Oiapoque, que fica na fronteira, e de Macapá, em sua maioria jovens, pobres e negras.

Por ser a única cidade que fica às margens do rio Amazonas, Macapá atrai muitos turistas,

incluindo quadrilhas aliciadoras de mulheres.”

Lúcia Furlan, representando a Secretária Estadual de Educação do Amapá, Elda Gomes, enalteceu a semana ímpar que a cidade vive com as atividades promovidas pela AMP.

“Ficamos muito felizes pelo fato de se tratar desse tema tão grave fora de São Paulo, pois aqui a realidade é potencialmente favorável ao tráfico de mulheres.”

Aproveitou para agradecer às(aos) professoras(es) que têm contribuído sobremaneira para alertar crianças e adolescentes sobre a tragédia que envolve a temática.

Em seguida, Talita Pontes, representando o Secretário Estadual de Justiça e Segurança Pública, Nixon Kennedy Monteiro, forneceu um panorama detalhado da realidade local e das ações do Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (NETP). Salientou que “existem mais de 50 rotas, tanto fluviais como terrestres no estado, operando no tráfico internacional e dentro do país. Trata-se de uma violação dos direitos humanos; uma atividade que acaba com a dignidade humana.

Junto com o tráfico de pessoas acontecem o de armas e de drogas, pois a rede de aliciadores faz com que as meninas levem também essas duas ‘mercadorias’, associando os crimes.” Ela ressaltou os avanços do governo local e o fato de o NETP do Amapá ser o único no país que implantou o telefone 0800 (0800 280 9488).

Finalizou com uma chamada: “É uma questão séria, que precisa do empenho do Estado e da sociedade civil, pois todos(as) devem se comprometer, sem perder jamais a capacidade de se indignar”.

Maria Alice Bentes, Secretária Extraordinária de Políticas para as Mulheres, que também representou o governador Camilo Capiberibe, frisou que “os dias do evento serão de fortalecimento, de conhecimento, de crescimento, num tema de extrema complexidade.” Citou a implantação de políticas públicas para o enfrentamento à problemática, como os Centros de Referência e Atendimento à Mulher (CRAMs), um deles no município de Oiapoque, além das unidades móveis. Informou, também, que já estão adiantados os trâmites para a implantação da Casa da Mulher Brasileira (que vai abrigar no mesmo local todo o atendimento necessário à mulher vítima de violência), uma iniciativa que envolve o governo federal, estadual e municipal.

Ao final, em um ambiente bastante descontraído, foi oferecido lanche aos(às) participantes.



Foto: Walkíria Ferraz



Foto: Maksuel Martins Souza

Em 21 e 22 de maio de 2014, foi realizada a Oficina *Redefinindo Paz - Tráfico de Mulheres e Violência Sexual: metodologia de educação popular feminista para trabalhar com mulheres e homens*, no salão de eventos do Atalanta Hotel.

Teve a participação de 61 lideranças efetivas ou potenciais, que atuam em organizações governamentais, não governamentais e universidades, principalmente naquelas conectadas à rede de serviços contra a violência à mulher.

Dentre os objetivos da oficina estão:

- Refinamento da ótica feminista em uma metodologia específica para trabalhar a questão do Tráfico de Mulheres e da Violência Sexual, com mulheres e homens, interconectada com o conceito ampliado de Paz, Feminismo, Masculinidades e Educomunicação - com recorte de classe, étnico-racial, de orientação sexual e geracional.
- Contribuição para o acúmulo de discussão sobre o tema do tráfico de mulheres dentro do movimento feminista e na sociedade em geral.
- Contribuição na luta pelo enfrentamento da violência contra a mulher, que se materializa na violência doméstica e sexual, além do tráfico de mulheres.
 - Fortalecimento da rede de serviços contra o tráfico humano, formada por atores governamentais e não governamentais.
 - Interferência na implantação e implementação de políticas públicas para o enfrentamento do tráfico de mulheres e da violência sexual.
- Aumento da sensibilidade da mídia e da opinião pública sobre a gravidade dessas questões, como consequência das desigualdades de gênero.



A oficina teve início com uma dinâmica de apresentação e levantamento de expectativas, coordenada por Vera Vieira. Dentre as palavras simbolizando as expectativas, destacaram-se: aprendizagem, trabalho, compartilhamento, conhecimento, juntos fortes, coragem, humanização, companheirismo, despertar, fortalecimento, cooperação, expectativa, determinação, união, transformação, sensibilização, vidas humanas, conscientização, força, objetivo, construção, socialização, informação, desafio, brincar, aprendizagem, mudança de consciência.





Em seguida, Clara Charf falou sobre o *Conceito Ampliado de Paz*,

no sentido de segurança humana e justiça, de acordo com a Resolução 1325 da ONU.

Destacou que “ao contrário do que muita gente imagina, a paz significa movimento, ação, luta por um mundo melhor. E as mulheres vêm desempenhando um papel fundamental na construção da paz, no trabalho cotidiano por educação, saúde, saneamento básico, moradia, etc.”

Na dinâmica que precedeu sua fala, as pessoas participantes escreveram os seguintes significados para a palavra paz: liberdade do espírito, conhecimento do ser humano, respeito às diferenças, aceitação incondicional, bicicleta, harmonia, viver bem sem violência e com segurança, respeito às pessoas, irmandade, liberdade, amor, respeito, estar consciente consigo mesmo e respeitando os direitos dos outros, harmonia familiar, dignidade, garantia de direitos, bom estado espiritual, liberdade, respeito ao próximo, tranquilidade, inquietude, respeito mútuo, equilíbrio, é poder colocar a cabeça no travesseiro e dormir, ser solidária a quem precisa de ajuda, bem-estar consigo mesmo e com os outros, união dos povos, compreender e ser compreendido, equilíbrio em todos os aspectos da vida, segurança.





Relações Sociais de Gênero e Feminismo foi o tema a cargo de Maria Alice Bentes, Secretária Extraordinária de Políticas para as Mulheres.

“Lugar de mulher é na cozinha; menino veste azul e menina rosa; menina brinca de boneca e menino de carrinho, luta e guerrinha; homem que é homem não chora; em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher...”.

Ao citar frases corriqueiras, Maria Alice deu início às explicações sobre a construção social de gênero que vem trazendo sérias consequências para mulheres e homens. Ela fez um histórico sobre as fases do movimento feminista, enfatizando que “as conquistas sociais e os direitos que hoje fazem parte do cotidiano da mulher brasileira resultam do empenho e dedicação de sucessivas gerações de mulheres. O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher - no trabalho, na vida pública, na educação -, mas que luta por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que elas tenham liberdade e autonomia para decidir sobre suas vidas e seus corpos”.





Na parte da tarde, foi realizado um grande painel intitulado *Panorama Local sobre o Tráfico de Mulheres e a Violência Sexual*. Inicialmente, falou Talyta Pontes Monteiro, coordenadora do Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas do Amapá, alocado junto à Secretaria Estadual de Justiça e Segurança Pública e que foi criado de acordo com diretrizes do II Plano Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (PNETF), do Ministério da Justiça. Ela iniciou sua exposição com a definição de tráfico humano de acordo com o Protocolo de Palermo (convenção da ONU, de 2000), ratificado pelo Brasil em 2004, e com dados estatísticos de um diagnóstico detalhado realizado pelo Ministério da Justiça e pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (UNODC), o qual revela que a maioria das vítimas se dirige para o Suriname (133 vítimas), Suíça (127), Espanha (104) e Holanda (71). O Suriname é também rota para a Holanda. O maior percentual de todas as vítimas é para fins de exploração sexual. Talita enfatizou que, “infelizmente, o maior número de rotas está na região Norte (76), depois vem o Nordeste (69), Sudeste (35), Centro-Oeste (33) e Sul (28)”.

Dentre as principais metas do II PNETF, estão: criação de mais 10 postos de atendimento em cidades de fronteira; capacitação profissional de várias áreas; aprovação de projetos de lei que impliquem na perda dos bens dos envolvidos com o tráfico de pessoas; internacionalização dos serviços de atendimento Disque 100 e Disque 180 - centrais de denúncia que funcionam 24 horas por dia; aperfeiçoamento da legislação; promoção e participação do Brasil em campanhas nacionais e internacionais de combate ao tráfico de pessoas.

Ao final, Talita fez um chamado para a união de todas(os) contra o tráfico de pessoas, informando o número 0800 280 9488, o único a ser implantado no país.





Em seguida, no mesmo painel, houve a apresentação de Camila Rodrigues Ilário, que é corregedora de polícia e professora de direito, enfocando a questão da proteção legal dos direitos humanos no Brasil. “A expressão direitos humanos é uma forma abreviada de mencionar os direitos fundamentais da pessoa humana. Esses direitos são considerados fundamentais porque sem eles a pessoa não consegue existir ou não é capaz de se desenvolver e de participar plenamente da vida”, enfatizou ela, utilizando a definição de Dalmo Dallari. Fez um breve histórico do contexto internacional dos direitos humanos, que se inicia com a Declaração de Direitos da Virgínia, por ocasião da Independência Americana (1776); a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, com a Revolução Francesa, em 1789; a criação da ONU, em 1945 e a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Citou as diversas legislações brasileiras - 1824/1891/1934/1937/1946/1967/EC01-1969/1988 -, salientando que a Convenção Americana de Direitos Humanos (Pacto de San José da Costa Rica), de 1969 - época de chumbo da ditadura militar -, só foi ratificada pelo Brasil em 1992. Finalizou sua apresentação com o trecho de uma música: “Vamos precisar de todo mundo pra banir do mundo a opressão. Para construir a vida nova, vamos precisar de muito amor” (O Sal da Terra, de Beto Guedes).

O juiz Augusto César Leite, da Vara de Violência Doméstica, trouxe para o debate casos concretos vivenciados em seu cotidiano profissional.





Para finalizar o primeiro dia da oficina, nada melhor do que a animada Eunice de Paulo, do Grupo Ghata, que abordou o tema *Orientação Sexual e Identidade de Gênero* de forma descontraída, iniciando com o canto geral de trechos de músicas brasileiras que celebram a liberdade, o amor e a vida. Depois de soltar a voz e se emocionar, a plateia se sensibilizou ao extremo para ouvir conceitos, quebrar preconceitos e relatar situações cotidianas de homofobia, que ocorrem em casa, na escola, nas ruas...

Eunice explicou que “sexualidade é a dimensão mais ampla da experiência; é a forma como vamos ao encontro do(a) outro(a); como nos relacionamos; como manifestamos nossos desejos, prazeres e formas de viver o masculino e o feminino. Por sua vez, sexo envolve aspectos biológicos, fisiológicos e anatômicos da sexualidade; refere-se ao aparelho reprodutor masculino e feminino; é aquilo que fisiologicamente e anatomicamente diferencia homens e mulheres”. Frisou que não se trata de opção sexual, mas de orientação afetivo-sexual, já que se refere “a como nos sentimos em relação à afetividade e sexualidade, o que é espontâneo e não influenciável”.

Os tipos de orientação afetivo-sexual são: bissexual (desejo e afeto pelos dois gêneros), heterossexual (pelo gênero oposto), homossexual (pelo mesmo gênero) e assexuado (orientação romântica ou nenhuma). Já a identidade de gênero “se refere à forma como alguém se sente, se identifica, se apresenta para si próprio(a) e às pessoas ao seu redor, bem como relaciona-se à percepção de si como ser ‘masculino’ ou ‘feminino’, ou ambos. Independe do sexo biológico ou de sua orientação afetivo-sexual, ou seja, da maneira subjetiva de ser masculino ou feminino, de acordo com comportamentos ou papéis socialmente construídos”, salienta Eunice.





Na manhã do dia 22/5, o tema *Educação Popular* foi abordado na prática, com dinâmicas e cantigas locais (como *abre a roda tim-do-le-le*), sob a coordenação de Gilberto da Silva Lima, da Rede de Educação Cidadã Amapá (Recid).

A teorização foi feita de forma dialógica. Para cada frase relacionada ao tema, as(os) participantes entrevistam com o entendimento particular, de acordo com a realidade de cada prática.

Com tais dinâmicas participativas, Gilberto trouxe à tona os quatro passos para uma educação popular, de acordo com Paulo Freire: “1) Ler o mundo: aqui deve-se destacar a curiosidade como pré-condição do conhecimento. É o aprendiz que conhece. Palavras geradoras, temas geradores, complexos temáticos, codificação decodificação; 2) Compartilhar a leitura do mundo lido: não posso saber se minha leitura do mundo está correta a não ser que a compare com a leitura do mundo de outras pessoas. A veracidade do meu ponto de vista, do meu olhar, depende do olhar do(a) outro(a), da comunicação, da intercomunicação. Só o olhar do outro pode dar veracidade ao meu olhar; 3) A educação como ato de produção e de reconstrução do saber: conhecer não é acumular conhecimentos, informações ou dados. Conhecer implica mudanças de atitudes, saber pensar e não apenas assimilar conteúdos escolares do saber chamado universal. Saber é criar vínculos. O conteúdo torna-se forma. Saber em educação é mudar de forma, criar a forma, formar-se. Educar é formar-se; 4) A educação como prática da liberdade: o construtivismo crítico de Paulo Freire foi além de Piaget, porque afirma a politicidade do conhecimento. É o momento da problematização, da existência pessoal e da sociedade, do futuro (utopia). Educação não é só ciência - é arte e práxis, ação-reflexão, conscientização e projeto. Como projeto, a educação precisa reinstalar a esperança.”



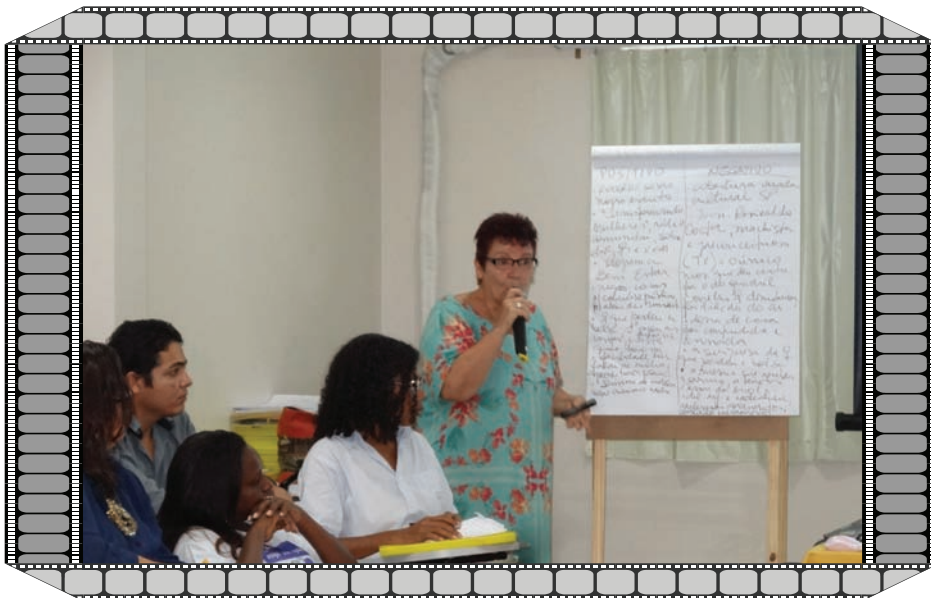


Foto: Walkíria Lobo

Em seguida, Vera Vieira, diretora-executiva da Associação Mulheres pela Paz, jornalista, com doutorado em Comunicação/Feminismo, abordou a temática *Educomunicação pela Cidadania das Mulheres*.

Em duplas, as(os) participantes tiveram dez minutos para pensar em exemplos positivos e negativos de mensagens veiculadas principalmente pelas mídias locais. Diferentemente de outros seminários, em Macapá foi maior o número de exemplos transformadores das relações de gênero, mesmo reconhecendo-se que os veículos estão nas mãos de políticos. Obviamente, os exemplos de reforço dos estereótipos discriminatórios são graves e inaceitáveis, mas integrantes do movimento de mulheres e feminista conseguiram desenvolver mecanismos de intervenção, tirando do ar um jornal radiofônico machista e preconceituoso. Ao teorizar sobre a temática, Vera reforçou o potencial positivo das mídias na luta pela equidade de gênero e o enfrentamento à violência contra a mulher, unindo educação com comunicação, dois campos indissociáveis. “Na prática, a educomunicação prevê quatro passos estratégicos: 1) Gestão Interna: que é o compromisso do modo de agir em comum de integrantes de um grupo; 2) Questão Instrumental: o domínio das técnicas de funcionamento e a percepção das lógicas econômicas e políticas que influenciam os mecanismos de produção, circulação e consumo, que afetam os processos de democratização dos meios e da própria sociedade; 3) Leitura Crítica: é ‘enxergar um palmo além do nariz’; é passar da consciência ingênua, fragmentada, simplista e emocional, para uma visão crítica englobadora, que analisa o velho e o novo sem preconceitos. Também inclui a percepção ativa das mensagens, considerando o sujeito receptor como coenunciador das mensagens, influenciado pelas forças sociais e culturais, pois não há passividade, já que a mensagem é reelaborada com a influência das diversas redes de relações, como família, escola, igreja, amigos...; 4) Mecanismos de Intervenção: é a criação e o acionamento de formas de influenciar os veículos e as instâncias pertinentes, considerando-se o potencial positivo das mídias, incluindo as digitais que permitem a produção independente de conteúdos.





O tema das *Masculinidades* foi abordada pelo educador popular Benedito Queiroz Alcântara, que solicitou às(aos) participantes escreverem uma palavra que vem à mente quando se fala em tráfico de mulheres. Dentre elas, pensou-se em medo, perversão, dor, silêncio. Pediu, então, que as folhas fossem balançadas e que se ouvisse o barulho.

Depois, solicitou que as folhas fossem amassadas e balançadas novamente. Aí não havia mais barulho.

Foi uma forma de demonstrar simbolicamente que a união das pessoas na luta contra o tráfico humano vai fazer a diferença para se obter resultados positivos.

Benedito enfatizou “as consequências maléficas de se valorizar o homem e colocar a mulher em situação de submissão, realidade constatada nos textos bíblicos, nas leis, nas escolas, etc. A forma de socialização de meninos e meninas precisa ser rompida para que tenhamos uma sociedade equitativa”.

Como compromisso de mulheres e homens, juntos, na luta contra as discriminações e o enfrentamento ao tráfico de pessoas, Gilberto solicitou que fosse escrita uma palavra que representasse resistência e ação: justiça, união, perseverança, fortalecimento, indignação, amor.

Ao final, solicitou que a folha de papel fosse apertada junto ao coração de cada participante.





Relações Raciais: Avanços e Desafios foi o tema focado por Silvaney Rubens, que é gerente do Núcleo de Educação Étnico-Racial da Secretaria de Estado da Educação.

Ele reconheceu a importância das ações afirmativas que vêm proporcionando avanços significativos, tais como “um número cada vez maior de instituições e órgãos públicos e privados que mantêm programas de inclusão ou combate à discriminação e ao preconceito; cotas raciais para universidades; reconhecimento e titulação de território quilombola; programas habitacionais”. Silvaney constatou que, como resultado, “em 17 anos, a taxa líquida de matrícula de jovens de 18 a 24 anos mais que quintuplicou entre os negros; no ano de 1992, apenas 1,5% dos jovens negros estavam na universidade; em 2009, eram 8,3%”. Ao refletir sobre a pertinência da continuidade da luta pelos direitos civis dos(as) negros(as), Silvaney justificou com os seguintes argumentos: “nunca houve tanta visibilidade dos casos de ocorrências de racismo nos diversos meios de comunicação; os avanços sociais, políticos e econômicos não foram acompanhados de uma consciência antirracista e o racismo institucional se tornou mais evidente e combativo - como a Campanha Nacional contra o Extermínio da Juventude Negra. Entre os grandes desafios estão a participação, a representação e a intervenção direta na política parlamentar”.





Para o consenso sobre as “Possibilidades de multiplicação no cotidiano das(os) participantes” foi feita a divisão em três grupos.

- O Grupo 1 (acima/esq.) realizou o seguinte consenso: 1) Orientar às mulheres sobre os temas de violências, tráfico - nos websites, facebook, assim como em seminários, palestras e oficinas; 2) Realizar oficinas de capacitação para a equipe da Coordenadoria da Mulher e dos CRAMS, com as temáticas do tráfico de pessoas, racismo e todos os demais temas abordados nesta oficina; 3) Criar projetos relacionados a teatro de bonecos para trabalhar nas escolas com vídeos temáticos sobre os assuntos abordados; trazer a família e a escola para os projetos; criar rede de acolhimento, prevenção, educação e atenção às mulheres vítimas, assim como as crianças.

- O Grupo 2 (acima/dir.) propôs o seguinte: 1) Definir temas; 2) Definir multiplicadores(as); 3) Mapear o público-alvo; 4) Definir prazo de execução; 5) Realizar reunião mensal de avaliação; 6) Trabalhar a metodologia; 7) Realizar avaliação final dos resultados.

- Por fim, o Grupo 3 (abaixo) chegou às seguintes ações: 1) Criar, ampliar e fortalecer a rede “Afirmação da Vida” (gênero, étnico-racial, exploração sexual, drogas, etc.), com participantes da oficina; 2) Criar um calendário de ações nos locais de atuação de cada participante da rede; 3) Divulgar a rede e suas ações nas redes sociais (facebook, WhatsApp, blogs) e outros veículos de comunicação de massa; 3) Realizar formação dos(as) participantes da rede e do público-alvo, por meio de palestras, oficinas, seminários, encontros, em busca do empoderamento na perspectiva da educação popular; 4) Ampliar a rede de parcerias - governamental, ONGs, sindicatos e centrais sindicais.





Acima, o jornalista Augusto Gomes responsável pela divulgação dos eventos nas mídias locais. Vera Vieira, diretora-executiva e Clara Charf, presidenta, da Associação Mulheres pela Paz, foram entrevistadas pelos diversos veículos, incluindo jornais impressos, rádio e TV.

Abaixo, o cinegrafista Maksuel Martins Souza, responsável pelas filmagens dos eventos realizados nos três dias.





Acima, a equipe da Associação Mulheres pela Paz - Vera Vieira, Clara Charf, Maria José Gomes da Silva e Walkíria Ferraz (dir/esq).

Abaixo, um pouco da beleza e encantamento de Macapá, a única cidade banhada pelo rio Amazonas.

